

A PERSISTÊNCIA DAS IDEIAS REPUBLICANAS SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NO «CORACÃO E CÉREBRO» (1935)**

Ana M^a Costa Lopes*

Duas questões iniciais nos assaltam ao compulsar *Coração e Cérebro*, *Revista Mensal Feminina de Educação e Cultura*, do Porto, e ao ler o nome da sua directora, Leopoldina Mesquita, desconhecida para os dias de hoje. Perante a curta vida da revista, de Janeiro a Junho de 1935, com seis escassos números perguntamo-nos se isso se deveu à dissonância entre as ideias que defendia e as que vigoravam, em Portugal, nesse tempo de intensa produção ideológica do Estado Novo. Por outro lado, no que se refere à sua fundadora e responsável, pouco conhecida do grande público dos inícios do século XXI, fica-nos a dúvida se foi uma aventureira das letras que teve a pretensão de acrescentar mais uma revista às já existentes, ou se, pelo contrário, foi movida por uma intenção de intervenção política consequente com os seus ideais, num período contraditório e de heranças complexas. Terá sido essa contradição que deu origem ao título da sua publicação?

Quem tenha trabalhado os complexos e vivos debates oitocentistas, ou mesmo os anteriores a este período, sobre a dualidade – coração ou cérebro –, bem explícita em muitos textos dos melhores e menos bons autores da época e tenha atentado na prioridade que nesses tempos era dada ao coração e ao que a palavra implicava em termos de discriminação feminina, o título escolhido por Leopoldina Mesquita é dúbio, senão provocatório. Ficámos intrigadas sobre a componente ideológica da revista e perguntámo-nos se seria avançada ou retrógrada, e sobre as intenções da sua directora, ao dar a entender no título que secundariza o cérebro, por o colocar em segundo lugar, na sequência do que ocorreu durante séculos. Ao optar por *Coração e Cérebro* e não *Cérebro e Coração*, as suas propostas sobre a educação feminina parecem seguir a linha dos que

* CEPCEP e CECC, FCH, Universidade Católica Portuguesa.

** Intervenção no “Colóquio sobre a República” (Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 17 de Fevereiro de 2010).

davam à mulher apenas a função de fada do lar e de sustentáculo emotivo da família. Parecendo menor, a questão não é despicienda. Uma leitura imediatista do título transportar-nos-ia, assim, a um passado conservador durante o qual a desigualdade de género se criou e desenvolveu, poucos sendo os partidários e críticos dos papéis que as mulheres vinham ocupando na sociedade.

As conotações das palavras coração e cérebro instalam, assim, a desconfiança no leitor incauto. Em função delas durante muito tempo se inventaram e inventariaram razões que a razão desconhecia para justificar as funções tradicionais da mulher, ecoando indefinidamente a injusta e implícita teoria da rejeição da paridade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Querendo que o coração prevalecesse, ou seja, dando-lhe o império da afectividade e da sensibilidade, educava-se o sexo feminino para a vida dos sentimentos e para as actividades domésticas e familiares e nada ou quase nada para as intelectuais, profissionais e políticas, ou seja para o culto da razão e do que ela implicava em termos de actividades de âmbito público, consideradas durante séculos quase estritamente masculinas. Por essa via, restringiam-se, controlavam-se e determinavam-se as acções e as opções do sexo feminino. Educar para isto ou para aquilo decidiu, de facto, o destino das mulheres. Os resultados práticos de tal teoria da organização social não podiam deixar de ser nefastos, como, na verdade, o foram.

Cabe-nos, por isso, questionar: o que propõe o título desta revista muito para além dos conturbados tempos da 1.^a República e quando já estavam em marcha os ideais do período salazarista. Tem ela como intenção lutar pela manutenção das velhas ideias anti-feministas perpetuadas pelo salazarismo ou é, pelo contrário, um compromisso ou um subterfúgio para escapar à censura então instaurada? Quais as intenções da Directora do *Coração e o Cérebro*? Para onde tende a educação feminina por ela defendida, para o *Coração* ou para o *Cérebro*?

Estas dúvidas só podem ser esclarecidas pela análise da sua produção intelectual, conjuntamente com o perfil pessoal e profissional da sua directora. Do concurso de ambos resultará certamente uma imagem de como ela se encarava a si mesma e de como foi tendendo para uma educação segundo os ditames do coração ou do cérebro nos diversos desafios que a vida lhe trouxe.

A COLABORAÇÃO DE LEOPOLDINA MESQUITA NUMA REVISTA SOCIALISTA

A produção intelectual de Leopoldina Mesquita não se limita à publicação que dirigiu. Também em *Pensamento, Órgão do Instituto de Cultura Socialista* (1930-1940), editada na cidade Invicta, se encontra colaboração sua até pelo menos Novembro de 1936², a última de que se tem notícia. Depois desta data, perdemos-lhe ali o rasto.

A opção por colaborar no *Pensamento* parece ter sido muito «pensada». Por aquilo que esta publicação representava na sociedade portuguesa e portuense e por estar nos antípodas de certas revistas femininas que propagandeavam a futilidade e menoridade intelectual das mulheres, não deixava de ser arrojado tornar públicos os seus pensamentos e opções políticas. De qualquer maneira a colaboração de Leopoldina num periódico tão progressista como o *Pensamento* demarca-a de outros projectos femininos mais tradicionais. E a publicitação que nesta folha é feita dos seus cargos e intervenções no partido, sendo rara na altura, não podia deixar de constituir um risco.

O *Pensamento* era uma revista internacional mensal de «Divulgação social e científica» cujo lema era «Intelectualizar para Reconstruir».³ Reconhecem os seus dirigentes ter um cariz «*acentuadamente socialista*» e pretendem «chamar ao Socialismo os elementos intelectuais dispersos». Embora fosse uma «Revista para todos», era marcadamente elitista pois admitia ser «colaborada exclusivamente por intelectuais». A filiação ideológica requerida era, porém, bastante ampla: «Não quer isto já dizer que todos os nossos colaboradores sejam *já* socialistas. O que eles são todos, os de hoje e os de amanhã, são espíritos desempoeirados, [...] homens que desejam instruir as multidões, ministrar-lhes os seus conhecimentos, contribuindo assim para a constituição duma nova sociedade, em que se afirme a completa emancipação de quantos trabalham e produzem».⁴ Entre as colaboradoras feministas desta revista, logo nos seus onze primeiros números, encontram-se os nomes de Angélica Porto, Adelaide Cabete, Elina Guimarães, Maria O'Neil, Maria Clara Correia Alves.

² Leopoldina Mesquita, «Do pensamento e da mulher», *Pensamento*, 80(Nov) 1936, p. 189.

³ Na capa da revista *Pensamento, Órgão do Instituto de Cultura Socialista*, 1(Abr) 1930.

⁴ Os Directores [Ilídio Santos Pinto e J. Fernandes Alves], «Apresentação», *Pensamento, Órgão do Instituto de Cultura Socialista*, 1(Abr) 1930, p. 1. Itálicos do próprio texto.

Curiosamente ou não, uma vez que parece tratar-se de um grupo de amigos, conhecidos ou de pessoas com ideias afins, este periódico anuncia o aparecimento do seu *Coração e Cérebro*,⁵ *Revista Mensal Feminina de Educação e Cultura*⁶ bem como a cessação da publicação. Do mesmo modo que o *Coração e o Cérebro* faz publicidade ao *Pensamento* em todos os seus números, como era prática muito comum em oitocentos. Nesta publicidade são de salientar os termos com que os redactores do *Pensamento* se lhe referem: «Sob a direcção da nossa prezada colega e distinta professora D. Leopoldina Mesquita».⁷ Esta pequena frase tão insignificante e banal para os dias de hoje, ainda era na época, o registo de uma situação de excepção, ao pôr em evidência uma profissão que, hoje, não exige o tradicional e repetitivo chavão de «excelente dona de casa», mas no século XIX, não acontecia muitas vezes. O referido anúncio alude ainda à colaboração «de outras senhoras em destaque no meio intelectual».⁸

A publicidade do *Pensamento* refere-se ainda à revista de Leopoldina Mesquita como «única no género», ao mesmo tempo que afirma que «Vem preencher uma falta que existe entre as publicações portuguesas sendo, por isso, recomendável a sua leitura».⁹ O epíteto de «única no género» é obviamente exagerado, pelo menos em termos históricos. A tradição deste tipo de revistas era longa de quase de um século. Trata-se, pois, de uma estratégia para angariar leitores e assinantes. O *Coração e Cérebro* incumbir-se-á igualmente de fazer a sua auto-propaganda, mencionando outros periódicos que se lhe referiram positivamente como *A Verdade*, *o Povo do Funchal*, *o Século*, *o Diário de Lisboa*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Democrático*, *o Jornal de Ílhavo*.

A parceria publicitária entre o *Pensamento* – uma revista que «deve ser lida por todos os trabalhadores do braço e do cérebro»¹⁰ – verifica-se ainda no anúncio que ela faz da interrupção «temporária» do *Coração*,

⁵ Cf. Capas do *Pensamento* referentes quer ao *Coração e Cérebro* indicando a directora e colega e professora e também colaboradora do *Pensamento*, acrescida dos pedidos de assinatura, isto na contracapa do n.º 58(Jan) 1935. A cessação desta publicação com as desculpas habituais é também referida no *Pensamento* de 66(Set)1935.

⁶ 17 páginas. Cada número pelo preço de 1#30 e distribuída por Portugal, ex-colónias e Espanha conforme informação da revista.

⁷ s.a., «*Coração e Cérebro*», Contra-capa do *Pensamento*, 58 (Jan) 1935.

⁸ ID., *Ibid.*

⁹ ID., *Ibid.*

¹⁰ Cf. Capa, «*Pensamento*», *Pensamento*, 31(Out)1932, s.p.

que se revelará definitiva. Mais importante parece no entanto ser a comunidade de ideias entre as duas publicações. A colaboração de Leopoldina Mesquita no *Pensamento*, que a identifica profissional e politicamente parece estar em desacordo com o título *Coração e Cérebro*. Para este estar em conformidade com as ideias e acções de Leopoldina Mesquita deveria ter dado à sua folha o título de *Cérebro e Coração*.

A INTEGRAÇÃO DE LEOPOLDINA NO PARTIDO SOCIALISTA E O SEU TRABALHO NA CASA DO POVO PORTUENSE

Partilha Leopoldina das ideias socialistas? Por certo que sim: o seu nome consta dos corpos directivos da Conferência Nacional Socialista, na sua Comissão Administrativa,¹¹ partido este em harmonia com o pensamento da Internacional Operária e Socialista. Ocupa, portanto, um lugar de destaque nesta organização. Nesse elenco, ela é a única mulher, o que certamente mostra a relevância da sua posição, trabalho, valor e empenhamento na causa. Tudo isso era necessário para que fosse aceite pelos seus pares. Das mulheres exigia-se muitíssimo mais competência, conhecimentos e dedicação do que dos seus pares do sexo masculino. As razões são sabidas. Só assim as mulheres eram seleccionadas e aprovadas. Neste caso Leopoldina devia já ser muitíssimo prestigiada para assumir tais funções.

Em todas as áreas de concretização dos ideais socialistas de trabalho, Leopoldina Mesquita destaca-se. Haja em vista a sua acção e actividade na Casa do Povo Portuense;¹² a sua defesa e participação activa na instrução das classes trabalhadoras, criando «cursos para desenvolver a instrução popular»¹³ com escolas nocturnas e diurnas, «cursos de explicação das coisas úteis à sociedade e ao povo em geral»,¹⁴ bem como as suas aulas para a classe operária na Casa do Povo Portuense, ideais da República.

¹¹ Cf., «IV Conferência Nacional Socialista, (Coimbra-11 a 13 de Março de 1933)», *Pensamento*, 47(Fev)1934, p. 92.

¹² Cf., M. Sousa, «A casa do Povo Portuense», *Pensamento*, 12(Mar)1931, pp. 268-270.

¹³ Leopoldina Mesquita, *Para a história da cooperativa do Povo Portuense. Esclarecendo a verdade sobre determinados factos*, Porto, ed. Leopoldina Mesquita, 1934, p. 8.

¹⁴ ID., *Ibid.*

A propósito deste trabalho ela diz: «A instrução foi um *fim* a atingir: o mutualismo e o cooperativismo serviram de *meios*».¹⁵ Não podemos, por outro lado esquecer que ela foi secretária, colaboradora e mesmo directora interina do jornal *República Social* desta Cooperativa do Povo Portuense.

O ESPERANTISMO E A LUTA PELA PAZ NO PENSAMENTO

Na continuação destas actividades relacionadas com as suas opções políticas outras figuram no seu currículo de intervenção intelectual, designadamente o trabalho na difusão e propaganda do grupo esperantista do Instituto Antero de Quental. O *Pensamento* dá conta de uma das suas muitas intervenções públicas. Diz o articulista que ela, como «grande propagandista da Paz», se referiu «ao grande papel do Esperanto na vida dos povos, contribuindo, como factor principal, para uma compreensão mais fraternal e mais palpável, em prol da Paz entre os povos!».¹⁶ A defesa da Paz era, com efeito, uma das bandeiras do partido. Como diz César Nogueira nas *Notas para a História do Socialismo Português* «O programa da Internacional Socialista tem como um dos seus mais vitais princípios a propaganda contra a guerra, defendendo a Paz».¹⁷

O trabalho de Leopoldina Mesquita em defesa desta causa é de grande comprometimento, solidarizando-se com grupos femininos internacionais e com as mulheres portuguesas em campanhas políticas que incluem a divulgação do programa de defesa da paz, tanto «com o cérebro, [...] como com o coração». «Aprestemo-nos a colaborar, diz ela, com a nossa cota parte de esforço nesse movimento [...] cuja vitória definitiva será o maior padrão da glória da Humanidade sofredora».¹⁸ Possivelmente da sua responsabilidade é o manifesto feminino a favor da paz, intitulado «O dia do Armistício» de 11 de Novembro de 1934 que pode ser lido no *Pensamento*.¹⁹

¹⁵ ID., *Ibid.*

¹⁶ Leopoldo Gonçalves Fernandes, «O Porto esperantista», *Pensamento*, 57(Dez)1934, p. 360-361.

¹⁷ César Nogueira, *Notas para a história do socialismo em Portugal (1895-1925)*, Lisboa, Portugália Ed., 1966, p. 148.

¹⁸ s.a., «O dia do Armistício. Manifesto que um grupo de senhoras distribuiu profusamente nesta cidade e noutras terras do país», *Pensamento*, 57(Dez)1934, p. 365.

¹⁹ ID., *Ibid.*

UM PROVOCATÓRIO TESTEMUNHO POLÍTICO

Acrescentamos um outro testemunho sobre Leopoldina Mesquita que contribui, estamos certos, para o esclarecimento das dúvidas e questões colocadas logo no início, do qual resulta uma imagem de mulher progressista, independente, destemida, racional, «viril», diriam os oitocentistas. Deparámo-nos, com efeito, com um documento singular pelo conteúdo e por ser escrito por uma pena feminina, que tem por título *Esclarecendo a verdade sobre determinados factos*²⁰ (Dezembro de 1934). Trata-se de um contundente opúsculo em que Leopoldina Mesquita se insurge contra a situação de corrupção vivida, naquela altura, na Cooperativa do Povo Portuense, fundada há mais de trinta e quatro anos²¹ tendo em conta a altura em que escreve.

A saída de Leopoldina Mesquita desta instituição não foi pacífica mas provocada, segundo diz, por infames difamações contra si, provavelmente ocasionadas por facções masculinas opostas na luta por cargos importantes para que estaria indigitada. As calúnias e o descrédito que elas acarretavam, poderiam ter provocado uma situação de grande fragilidade para Leopoldina por questões de género e outras. Poderia não ter tido coragem para as enfrentar. Em vez disso subleva-se contra correligionários seus e seus colegas de trabalho na instituição a que pertencia e onde trabalhara. Aí teria, por certo, um papel preponderante e com possibilidades de ter ainda cargos mais relevantes. Por isso, publica esse opúsculo em que esclarece a situação e em que denuncia oportunismos e embustes. Põe em causa tudo e todos.

Certa das suas convicções e do trabalho feito, defende-se contra todos os ataques com o cérebro e o coração. E fá-lo por escrito não só numa demonstração de destemor no confronto público, mas também como prova de inocência, para memória futura; e denuncia e identifica publicamente a corrupção existente na Cooperativa do Povo Portuense. Desmascara com denodo diversas personalidades, contando negras histórias internas de forma a salvaguardar a sua carreira profissional e o seu bom-nome. Segue os princípios desta associação no pensamento de

²⁰ Leopoldina Mesquita, *Para a história da cooperativa do Povo Portuense. Esclarecendo a verdade sobre determinados factos*, Porto, ed. Leopoldina Mesquita, 1934.

²¹ Esta Casa do Povo Portuense, já com 34 anos de existência, aparece numa fotografia no *Pensamento* e percebe-se pelo tamanho e grandiosidade que devia ter espaço para muitas actividades. Cf. M. Sousa, «A casa do Povo Portuense», *Pensamento*, 12(Mar)1931, p. 268.

um dos seus sócios que afirma: «Há coisas sem as quais a Cooperação é nula ou improgressiva. Uma delas é a preparação moral e associativa das mulheres, visto como, sem a concordância e colaboração delas, a acção dos homens se ressentem de uma fraqueza que não deixa marchar».²² Em tudo isto é fiel àquilo que as escolas da Cooperativa se propunham e que ela defende até às últimas consequências, como acrescenta M. Sousa: «As *Escolas Livres*, que são escolas associações [...devem difundir] a instrução, desfazendo o erro, abolindo a mentira, fixando hábitos de trabalho, espalhando a verdade e o Bem, e, sobretudo, empregando todos os meios para se levarem a cabo realizações úteis e proveitosas».²³

Tal como as oitocentistas Antónia Pusich e Guiomar Torrezão não poupa nada nem ninguém, repondo a justiça e a verdade onde faltavam. Mas os tempos eram outros, uma vez que ela tinha e assumia com toda a visibilidade funções políticas. Por outro lado, o grupo em que estava inserida era um grupo masculino, competitivo e comprometido política e socialmente, e com responsabilidades que Leopoldina esperava ver assumidas e cumpridas, e não viu. Mas ela não se refugia nos ditames do coração impostos pela sua «condição feminina». Teria ela surpreendido os seus colegas com este testemunho tão racional, directo e cru? Provavelmente só no que respeita ao radicalismo das atitudes de confrontação política e pública. Por outro lado, cabe perguntar: terá sido por causa dos cargos que tinha e pelos que estaria destinada a desempenhar que foi atacada pessoalmente? Contribui para isso o seu prestígio no P.S., o respeito pelas acções desenvolvidas ao longo de vários anos e a posição de chefia assumida?

Logo após o escândalo da publicação daquele opúsculo, em finais de Dezembro de 1934, Leopoldina escreve um artigo no primeiro número de 1935 do *Pensamento* a que dá o título «A função social da mulher». Ao reflectir sobre esta questão afirma a certa altura: «E a nós, mulheres, assiste-nos o direito – o mais legítimo dos direitos – [...] de repudiar a triste condição de escravas da nossa própria carne e de reivindicar, porque temos um cérebro que pensa como os homens, a função social que, como valores sociais, nos cabe desempenhar a dentro da sociedade. A nós, mulheres, assiste-nos o direito de lutar pela nossa valorização humana, de aspirar a novas condições de vida que nos permitam possuir uma personalidade marcadamente definida e de sermos apreciadas e valorizadas

²² M. Sousa, «A casa do Povo Português», *Pensamento*, 12(Mar)1931, pp. 268-269.

²³ ID., *Ibid.*, p. 270.

[...] pelo perfil moral e mental [...] A nós mulheres, assiste-nos o direito de repudiar a condição inferior de ‘satélite’ e de aspirar à categoria de ‘planetas’ ou de ‘estrelas’ – tal como os homens – segundo os dotes de inteligência, as faculdades de trabalho e as qualidades morais que nos caracterizem». ²⁴ Isto não é mais do que reiterar a posição de afirmação e de firmeza face às atitudes que tomou, em Dezembro, e também mais um testemunho da sua orientação política e moral.

Tudo isto facilita o entendimento do que se segue. Neste preciso momento toma-se consciência de muita coisa desta mulher, como o seu brio e integridade profissionais e políticas. Uma investigação mais aturada desta poderosa personalidade contribuiria para completar a sua história trazendo mais achegas para este estudo. Mas isso far-se-á com mais tempo numa outra oportunidade.

O CORAÇÃO E CÉREBRO

Ainda não era passado um mês daquele desventurado episódio de Dezembro, quando funda, em Janeiro de 1935, o *Coração e Cérebro*. Percebe-se que nada a faz desanimar. Da revista assume os cargos de directora, editora e proprietária, no que segue, aliás, a prática das suas colegas de Oitocentos. E nela advoga, como se viu, ideias já perfilhadas no século XIX: o pacifismo e o feminismo com participação activa de mulheres, na sequência do que já tinha defendido no *Pensamento*.

Logo na abertura do n.º 1 desta sua revista, Leopoldina esclarece-nos acerca do que entende pela dicotomia coração/cérebro ao dizer: «É costume bastante vulgarizado preparar a mulher para uma vida afectiva tão exaustiva, que, nalguns casos se lhe atrofia a razão e a vontade; dir-se-ia puro instinto. Admite-se, geralmente que a vida intelectual não é característica sua [...] Este erro tende hoje a ser corrigido. Há, porém, quem suponha que o desenvolvimento mental dado à mulher lhe faz diminuir o sentimento», ²⁵ no que parece dar razão à nossa perplexidade inicial acerca do significado do título.

Este texto inicial mostra que a velha antinomia ainda está bem presente na sociedade portuguesa de então, havendo por isso razões para reflectir e ponderar sobre elas. Coração e cérebro «não são incompatí-

²⁴ Leopoldina Mesquita, «A função social da mulher», *Pensamento*, 58(Jan)1935, p. 5.

²⁵ ID., «Apresentação», *Coração e Cérebro*, 1(Jan)1935, p. 1.

veis, antes se harmonizam com excelentes resultados, quando em justas proporções». ²⁶ Mas estes problemas já tinham sido dirimidos ideologicamente pelas intelectuais mais progressistas de Oitocentos. Eram, porém, reflexões que as leitoras da publicação de Leopoldina necessitavam provavelmente de retomar. A busca da paridade na vida e na escrita, apesar de todos os senãos que condicionavam uma instrução democrática já tinha currículo. Para Leopoldina, o coração e o cérebro, nesta introdução à revista, fazem boa companhia um ao outro, se não se anularem.

A revista é um reflexo das lutas ideológicas de então, bem como da sua vida profissional e política, por certo conhecida dos leitores portuenses. Mas o seu ideal é claro: trabalhar «pelo aperfeiçoamento da mulher, sob todos os pontos de vista. Mostrar-lhe-á como tratar da saúde física, da sua mentalidade, da elevação do seu nível moral e artístico e procurará levá-la a uma compreensão mais perfeita da sua função social. [... A] educação das crianças será ainda objecto da sua cuidadosa atenção». ²⁷ Entroncando-se, de facto, na concepção alargada de educação das mulheres, este programa também vinha dos debates oitocentistas. Só que, agora, aparecem com dimensões mais práticas, com mais novidade e mais exigências.

Diz ainda Leopoldina Mesquita neste n.º 1 que se sente responsável pelas leitoras e as guiará. ²⁸ Instigada pelas recensões recebidas de outras publicações aclara, no n.º 2, um pouco mais, o tipo de conteúdo que pretende dar à sua revista. E garante que não foi impelida por intuítos económicos: «moveu-nos o desejo de mostrar a todos – de mostrar ao mundo – que a mulher portuguesa, que sempre sentiu, também já começou a pensar». ²⁹ Renega, por isso, rubricas vazias de conteúdo que se prendem com a beleza do sexo feminino, literatura cor-de-rosa, (romances patéticos), estrelas de cinema, ³⁰ etc. e conclui que se esta revista acabasse «teria o mais triste significado: representaria uma paupérrima mentalidade geral da mulher portuguesa». ³¹ Indicaria que as suas compatriotas não pensavam. Ela, porém, pensava e agia, muito mais com o cérebro do que com o coração e desejava levar as mulheres a pensar.

²⁶ ID., *Ibid.*

²⁷ ID., *Ibid.*

²⁸ Cf. ID., *Ibid.*

²⁹ ID., «Impressões de chegada», *Coração e Cérebro*, 2(Fev)1935, p. 1.

³⁰ Cf. ID., *Ibid.*

³¹ ID., *Ibid.*

Para exorcizar «a paupérrima mentalidade geral da mulher portuguesa» e para a contrariar ela própria, juntamente com as suas colegas e outras pessoas mencionadas na revista, tornar-se-ão exemplos para as leitoras, já que a sua instrução e actividades as distanciam das meras actividades domésticas. E dá exemplos igualmente de outras profissionais com intervenção noutros «espaços» como escolas, hospitais, etc. que como ela têm o mesmo intuito de ensinar. Entre elas estão Maria de Almeida, Luísa Foz, Rosa Maria Santiago, Maria Emília Leite, Alice Moreno Justo, Alsácia Fontes Machado, uma G., outra Dulce, uma M.P., Alguém, Zilda Guimarães, L.M., Alsácia Fontes Machado de quem aceitou a colaboração no *Coração e Cérebro*. Nesta lista de colaboradoras ainda há quem assine com uma só inicial ou recorra a pseudónimos, tal como no século anterior. Deparamo-nos igualmente com autores masculinos. Mas a maioria é constituída por mulheres, algumas das quais se dedicam à causa feminista.

A revista é pedagógica nos artigos, nas perspectivas que transmite, nas informações e conhecimentos de diversa ordem que divulga e na manutenção de algumas «secções». De facto, para além do artigo que inicia cada número existem várias rubricas que se mantêm com regularidade como a «Secção educativa», a «Galeria de honra», «A coluna médica», a «Economia doméstica e labores femininos»; «A criança» ou «Para as crianças», «Arte e ciência», e uma relativa ao movimento pela paz intitulada «Pelo mundo». Há igualmente, entre outras pequenas rubricas sem importância, alguns artigos fora destas temáticas, como a «Página literária» (apenas duas vezes), «Um inquérito – O que entende por mulher Moderna?» e um apelo aos esperantistas.

Coube a Maria de Almeida tratar de algumas figuras de mulheres portuguesas e estrangeiras de relevo, provavelmente modelos a seguir pelas leitoras na «Galeria de honra», que se distinguiram nas áreas das ciências ou das letras, revelando um elevado nível de instrução e conseguindo ultrapassar os entraves que habitualmente se colocavam ao sexo feminino. São elas Madame Curie,³² Carolina Michaëlis de Vasconcelos,³³ Maria Amália Vaz de Carvalho. Valorizou a autora, na maior parte dos casos, mais o cérebro do que o coração, que não deixou todavia de

³² Maria de Almedina, «Galeria de Honra. Mme Curie», *Coração e Cérebro*, 1(Jan)1935, pp. 2-3.

³³ ID., «Galeria de Honra. Carolina Michaëlis de Vasconcelos», *Coração e Cérebro*, 2(Fev)1935, pp. 8-9.

fora.³⁴ Utilizando a mesma metodologia relativamente às tarefas intelectuais, Maria de Almeida destaca Maria Amália Vaz de Carvalho por ter escrito especificamente para a educação do sexo feminino e por ter compreendido «o verdadeiro papel da mulher na sociedade e na família».³⁵ Enumera algumas das suas obras e classifica a autora de «Educadora em ‘Mulheres e crianças’, ‘Cartas a Luísa’, ‘Cartas a uma noiva’, etc.».³⁶ Porém, sabemos como os conceitos sobre a educação feminina de Maria Amália Vaz de Carvalho são bastante retrógrados uma vez que recupera velhos argumentos masculinos para encerrar as mulheres em casa impedindo a paridade na instrução, no trabalho, na política, e em tudo o mais, utilizando vários argumentos, entre os quais os biológicos. Maria de Almeida não se pronuncia sobre isto. Prefere valorizar os êxitos intelectuais da escritora.

Júlia Isbrucker³⁷ não entra na «Galeria» mas acaba por fazer parte do mesmo grupo, por ter escrito «a letras de oiro o seu nome na história da língua auxiliar internacional»,³⁸ como fundadora de organismos esperantistas e pacifistas. Com dados concretos, num outro artigo da autoria de Leopoldina é referido a intervenção, papel e luta das pessoas ligadas aos movimentos pela Paz mundial na rubrica «Pelo mundo», nele sendo dado a conhecer a actividade de ambos os sexos nas organizações internacionais como a National Liberal Federation, a Womens’s Liberal Federation, Industrial Womens’s Organisation, National Union of Women, Womens’s International League, National Conservative,³⁹ entre outras, em diversos países. Deste modo a revista defende e estimula a participação política do sexo feminino, designadamente em rubricas como a dos «Ecos do Congresso de Istambul».⁴⁰ A Directora elogia o avanço dos turcos e turcas, admirando-se com o progresso que este país sofreu e comentando: «há

³⁴ Maria de Almedina, «Galeria de Honra. Mme Curie», *Coração e Cérebro*, 1(Jan)1935, pp. 2-3; Maria de Almeida, «Galeria de Honra. Carolina Michaëlis de Vasconcelos», *Coração e Cérebro*, 2(Fev)1935, pp. 8-9.

³⁵ Maria de Almeida, «Galeria de Honra. D. Maria Amália Vaz de Carvalho», *Coração e Cérebro*, 3(Mar)1935, p. 8.

³⁶ ID., *Ibid.*

³⁷ L.M., «Júlia Isbrucker. Uma esperantista – pacifista», *Coração e Cérebro*, 5-6(Mai-Jun)1935, p. 7.

³⁸ ID., *Ibid.*

³⁹ Cf. Leopoldina Mesquita, «Pelo Mundo. O grande movimento pacifista na Inglaterra. Voto pela Paz», *Coração e Cérebro*, 2 (Fev)1935, p. 9-10.

⁴⁰ ID., «O Congresso de Istambul», *Coração e Cérebro*, 5-6(Mai-Jun)1935, p. 1.

poucos anos ainda a Turquia dos serralhos e das mulheres veladas seria em 1935 o país escolhido para uma das mais significativas manifestações da mentalidade feminina». ⁴¹ E faz considerações comuns sobre variados aspectos da condição feminina, da paridade desejada, de reivindicações para a igualdade no trabalho, dos direitos políticos e jurídicos, do direito à personalidade, ao respeito. Pretendia aquele congresso, como refere, que as mulheres «conquistem o que de direito lhe[s] pertence: a condição do ser humano que sente e que pensa». ⁴² De permeio, coloca o problema do título da revista, entre o coração, «o ser humano que sente» e o cérebro «o ser humano que pensa», tendo cada vez mais sentido a atribuição que escolheu para o periódico. Percebe-se que o congresso reuniu pessoas de diferentes países a lutar pelo feminismo contra o atraso de muitas nações, incluindo Portugal. E assim se vai informando e educando as mulheres para outra maneira de ser e de estar na sociedade e na família.

Ligado a esta temática, mas sem continuação em qualquer rubrica, podemos ler o artigo «A mulher na vida moderna» ⁴³ do médico João Correia Guimarães. Reflecte o autor sobre o papel e funções das mulheres na vida doméstica local onde elas devem «ter sempre o primacial lugar». ⁴⁴ Reitera-se nele, por outro lado, as ideias defendidas no congresso na Turquia e faz-se uma sùmula da história das mulheres, os progressos sociais, os direitos políticos, nomeadamente o sufrágio feminino. E conclui que «não é sem gravame para os princípios da liberdade e da justiça que se evocam os direitos a que a sua inteligência, a sua educação, o seu bom senso e a sua cultura lhe dão jus. Depois da guerra, a igualdade política dos sexos é quase a regra». ⁴⁵ Em França e em Espanha, as mulheres estão a afirmar-se. O autor faz um apontamento sobre a condição feminina em alguns países, relembrando os insultos de que elas foram alvo ao longo de séculos por eminentes pensadores. Em nome da liberdade e da razão deseja a paridade a nível moral e material. ⁴⁶ Do mesmo modo este artigo educa as mulheres para outra postura na sociedade. Completam este pensamento as ideias sobre o trabalho.

⁴¹ ID., *Ibid.*

⁴² ID., *Ibid.*

⁴³ João Correia Guimarães, «A mulher na vida moderna», *Coração e Cérebro*, 2(Fev)1935, p. 6-7. Retirado de *Vida de Portugal*.

⁴⁴ ID., *Ibid.*, p. 7.

⁴⁵ ID., *Ibid.*

⁴⁶ Cf. ID., *Ibid.*

SOBRE O TRABALHO E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

A par disto, a revista dá notícias de um outro aspecto crucial da vida das mulheres, «O direito ao trabalho», relacionado com a educação para o trabalho e a mudança de atitude de ambos os sexos relativamente a ele. Cabe à directora escrever no 3.º número da revista sobre esta matéria onde não faz mais do que continuar os exemplos apresentados na «Galeria de Honra» em que, de facto, são honradas as mulheres que estudando e trabalhando, obtiveram lugares de destaque na sociedade. Por outro lado, esta matéria está também ligada ideologicamente ao que se escreve nesta publicação e com aquilo que se vai subentendendo e se quer transmitir e obter das leitoras: novas identidades femininas e novas atitudes na sociedade. Tanto este artigo como a revista toda contrariam, assim, o parecer de quem pensa que o lugar das mulheres no trabalho é exclusivamente «dentro do lar».⁴⁷

Na sua reflexão expõe Leopoldina Mesquita muito lucidamente alguns dados de natureza histórica e política relativamente à evolução que o trabalho e a noção de trabalhador sofreram ao longo dos tempos nas diversas classes, sendo esta noção de classe desenvolvida na perspectiva socialista. Menciona a este respeito os que não precisaram de trabalhar, numa perspectiva muito ligada ao partido que abraça, a Internacional Socialista, para sublinhar que o trabalho é necessário à sociedade e dignifica as pessoas.

Relacionada com a situação feminina expõe ainda outros lados desta questão em função das suas convicções políticas sobre a educação das mulheres direccionada para uma cultura de trabalho com vista à independência económica do sexo feminino; fornece informações úteis sobre a restrição do trabalho feminino no comércio e na indústria, na Bélgica, e sobre a legislação laboral quer em Inglaterra quer em outros países; e mostra como noutras nações a questão era igualmente complexa. Leopoldina consegue analisar com isenção os prós e contras do trabalho feminino no exterior segundo as diversas situações, que caracteriza. E, ao verificar que nada é feito para as melhorar conclui: «E que fizeram ou que fazem aquelas que categoricamente afirmam que o lugar da mulher é em casa, para que as condições de vida das mulheres trabalhadoras fosse de molde a poderem permanecer em casa sem o risco de morrerem de fome? Repercuta-me ainda a frase nos ouvidos: 'o lugar da mulher

⁴⁷ Leopoldina Mesquita, «O direito ao trabalho», *Coração e Cérebro*, 3(Mar)1935, p. 2.

em casa'. Mas, em que condições? Como escrava, com deveres mas sem direitos? [...] E a quem teremos nós de pedir licença para possuímos um sentimento de independência, filho dum novo sentimento de dignidade? E se a mulher tiver uma vocação literária, artística ou científica, deverá sacrificar os seus recursos intelectuais ao trabalho exclusivamente doméstico? Em que tábuas da lei gravou a Natureza tal sentença? E essa frase simples de que o lugar da mulher é em casa assume no meu espírito proporções de monstruosidade porque ou reflecte muito egoísmo ou revela um absoluto desconhecimento de causa. O problema da mulher é um problema profundo; profundo é o problema do desemprego, mas nem um nem outro se poderá resolver simplesmente em mandar as mulheres para casa».⁴⁸ (Repare-se na actualidade destas constatações e nas tão prementes exigências.) E conclui: «Devendo o trabalho constituir um dever para todo o ser humano, esse dever impõe-se igualmente à mulher. *Logo as mulheres devem trabalhar*».⁴⁹

Esta foi uma das grandes lutas do século XIX que, por motivos culturais, sociais e económicos, por preconceitos de classe foi difícil de vencer. Voltará agora a ser ou está já a ser uma das grandes lutas do século XXI, ocasionadas por motivos económicos?

Se educar para o trabalho era uma atitude política e social importante, não o eram menos as acções e participações políticas. É disso que também se trata quando a autora retira notícias, informações de jornais estrangeiros, à maneira oitocentista, para elucidar leitoras e leitores sobre estas matérias. Estes artigos constituíam uma boa forma de consciencializar as leitoras para a necessidade de, pelas suas acções concretas, trabalharem para a concretização da paridade de género em todas as áreas sociais, pois mostravam que nem eram estranhas nem os seus defensores estavam isolados; pelo contrário eram partilhadas por muitas pessoas em vários países.

DA ECONOMIA DOMÉSTICA À EDUCAÇÃO INFANTIL

Num importante artigo a abrir o n.º 3 da revista dá a autora conselhos sobre «Economia doméstica...» e também sobre os trabalhos tradi-

⁴⁸ ID., *Ibid.*

⁴⁹ ID., *Ibid.* Itálico da autora.

cionais femininos aproveitando para fazer considerações gerais sobre a saúde.

A rubrica intitulada «Coluna médica» é toda ela pedagógica e afinal muito útil, como tudo na publicação. Embora de carácter científico, a sua linguagem está apropriada a todo o género de leitoras e leitores. No n.º 1, a médica apresenta o seu programa dedicando o artigo especialmente às mulheres trabalhadoras. Fala um pouco de tudo, de doenças, de maus hábitos do outro sexo e de como agir com ele.

Num outro assinado por G. são dadas sugestões muito avançadas para a época sobre o papel da escola na educação das raparigas. Tem também em vista o apoio que o Estado deveria dar às grávidas em termos de maternidades, de assistência médica e medicamentos gratuitos, bem como de cantinas e casas de repouso com condições especiais para o sexo feminino. Aproveita igualmente para dizer que a legislação laboral nas fábricas deveria ser revista em atenção às grávidas e seus filhos incluindo também o pagamento de salários completos durante dois meses antes e um após o parto.⁵⁰

As secções infantis eram muito importantes para L. Mesquita pois pensa que uma revista «com finalidade educativa não pode esquecer as crianças, elementos de uma sociedade futura, que todos desejamos perfeita».⁵¹ Daí aparecerem contos, charadas, histórias para serem concluídas por várias crianças, curiosidades, passatempos, canções, adivinhas, modelagem, cursos de férias. Luísa Foz⁵² faz uma reflexão sobre os objectivos da literatura infantil, a linguagem empregue, os gostos dos mais pequenos; outras rubricas tratam de «A criança e a música»⁵³ e da delinquência infantil.⁵⁴ Dão-se ainda a conhecer a União Internacional de Socorros às Crianças nascidas, em 1920, da qual partiu a Declaração dos Direitos da Criança. No n.º 4 é feita uma apreciação do que a Declaração proclama.⁵⁵

⁵⁰ G., «Introdução», *Coração e Cérebro*, 2(Fev)1935, p. 6.

⁵¹ Cf., s.a., «Correspondência», *Coração e Cérebro*, 2(Fev)1935, [p.17]

⁵² Luísa Foz, «Secção educativa», *Coração e Cérebro*, 1(Jan)1935, p. 8.

⁵³ Maria de Almeida, «Secção educativa. A criança e a música», *Coração e Cérebro*, 4(Abr)1935, pp. 3-4.

⁵⁴ Cf. Leopoldina Mesquita, «Notas e comentários. Conferências», *Coração e Cérebro*, 4(Abr)1935, p. 16.

⁵⁵ Luísa Foz, «União Internacional de Socorros às Crianças», *Coração e Cérebro* 4(Abr)1935, p. 1.

Pede-se igualmente a colaboração das mães e das educadoras, em geral, para darem opiniões sobre «a função social da mulher, a sua conduta, a sua influência, as suas atitudes, os seus deveres... e os seus direitos»,⁵⁶ assim como a cooperação dos pequenos leitores com trabalhos. Do mesmo modo se incita as mulheres a colaborarem num inquérito sobre o que se entende por ‘mulher moderna’,⁵⁷ sobre o que há apenas duas rubricas por a revista ter terminado logo de seguida. Pretende o/a autor/a que se identifica por M. saber «o que a mulher pensa de si mesma». ⁵⁸ M. diz ter já recebido várias respostas e que as iria publicar por ordem de chegada, o que só aconteceu em dois números.

Daqui resultariam, por certo, se fosse continuado esse trabalho, algumas imagens curiosas do que era a sociedade de então. Podemos avaliá-lo através da súmula de algumas poucas respostas. Eurico Jorge diz que a «mulher moderna» deverá «formar a sua consciência dentro dos conceitos científicos actuais [...] pode ou não ser mãe». ⁵⁹ Acrescenta ainda que «Equivalente do homem, a mulher moderna deve procurar ser-lhe sempre superior em educação, para que em todas as funções possa desempenhar socialmente, o que o homem se aperfeiçoa com a sua convivência educadora. Em síntese, a mulher moderna deve ter sempre Coração e Cérebro!»⁶⁰

J. C. Neves, por sua vez, vê «*Na mulher moderna* [...] a mulher de sempre; a sublime e incomparável companheira do homem»⁶¹ ora «resignada ao seu papel obscuro [...] mas pronta ao primeiro chamamento quando as convulsões sociais a vão arrancar abruptamente ao sossego do seu lar». ⁶² O mesmo autor, nos dois últimos números da revista, fala da cooperação das mulheres em tempo de guerra, cumprindo o seu dever e negando não só a fraqueza como todos os argumentos de que «o homem se serve quando a quer submissa e obrigada adentro do lar, por lhe temer

⁵⁶ s.a., «Colaboração das leitoras», *Coração e Cérebro*, 1(Jan)1935, p. 16.

⁵⁷ M., Eurico Jorge, J.C. Neves, «Um inquérito. O que entende por «Mulher moderna?», *Coração e Cérebro*, 4(Abr)1935, p.13.

⁵⁸ M., «Um inquérito. O que entende por «Mulher moderna?», *Coração e Cérebro*, 4(Abr)1935, p. 13.

⁵⁹ Eurico Jorge, «Um inquérito. O que entende por «Mulher moderna?», *Coração e Cérebro*, 4(Abr) 1935, p.13.

⁶⁰ ID., *Ibid.*

⁶¹ J. C. Neves, «Um inquérito. O que entende por «Mulher moderna?», *Coração e Cérebro*, 4(Abr)1935, p. 13.

⁶² ID., *Ibid.*

a concorrência. E de facto é de temer». ⁶³ Faz ainda considerações a propósito de alguns excertos da Bíblia vincando o seu carácter superior. E conclui que a mulher tem «ânsia de se instruir e cultivar em todos os ramos da ciência e da arte [...] embora [o seu] coração é sempre e acima de tudo, um sacrário de amor e abnegação». ⁶⁴ Uma mulher completa é a mensagem que o autor nos transmite, ou seja, com coração e cérebro como a revista pretende e quer.

CONCLUSÃO

Uma rápida resposta à pergunta feita no início sobre a curta vida, de Janeiro a Junho de 1935, de *Coração e Cérebro*, leva-nos à conclusão de que sempre houve publicações que estiveram para além ou aquém do seu tempo e que isso não teve relação com a vida longa ou curta que tiveram. Outros factores, que não poderemos aqui desenvolver, contribuiram para que isso tivesse acontecido.

Por outro lado, se restassem dúvidas acerca do verdadeiro significado do título elas desvaneceram-se nesta breve investigação. A hesitação acerca do que a sua directora põe em primeiro lugar, o coração ou o cérebro, tão à maneira das articulistas de Oitocentos, morre com a análise do conteúdo da revista e do modo como Leopoldina Mesquita os escolhe para educar e informar as leitoras e leitores. Ela era muito mais cerebral do que se poderia imaginar quando olhamos para a ordem em que colocou os termos do binómio.

A investigação feita sobre esta intelectual progressista trouxe-nos, por outro lado, alguns aspectos, hoje completamente ignorados, do seu percurso profissional, das suas actividades ligadas ao P.S., ou seja, à Internacional Socialista, pouco comuns na altura. Abriu-se, assim, um mundo desconhecido no que respeita às acções políticas femininas neste período salazarista através de textos arrojados e actuais como os relativos ao congresso feminista, à paz, ao trabalho e aos direitos das mulheres e das mães. Em muitos artigos está expressa uma atitude política e social a favor da República e adversa à ideologia do Estado Novo, ou melhor, adversa a um espírito conservador e discriminatório que atravessou diver-

⁶³ ID., «Um inquérito. O que entende por «Mulher moderna?», *Coração e Cérebro*, 5-6 (Mai-Jun)1935, p. 9.

⁶⁴ ID., *Ibid.*

nos séculos independentemente do período histórico ou político. Esta é mais uma história a contrariar aquele espírito e que contribui para trazer a lume o trabalho de muitas lutadoras e activistas que, através dos seus actos, pugnaram pela igualdade entre homens e mulheres. E tudo isto é também o verdadeiro espírito da República.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Zília Osório de, João Esteves, ed., *Dicionário no Feminino, (séc. XIX-XX)*, coord. António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu, Maria Emília Stone, Lisboa, Horizonte, 2005.
- Coração e Cérebro, Revista Mensal Feminina de Educação e Cultura*, Porto, 1935.
- «IV Conferência Nacional Socialista, (Coimbra – 11 a 13 de Março de 1933)», *Pensamento*, 47(Fev)1934, p. 92.
- MESQUITA, Leopoldina, *Para a História da Cooperativa do Povo Português. Esclarecendo a Verdade sobre Determinados Factos*, Porto, ed. Leopoldina Mesquita, 1934.
- NOGUEIRA, César, *Notas para a História do Socialismo em Portugal (1895-1925)*, Lisboa, Portugália Ed. 1966.
- NÓVOA, António, *Dicionário dos Educadores Portugueses*, Lisboa, Asa, 2003.
- NÓVOA, António, *Vida de Professores*, Porto, Porto ed., 2007.
- Pensamento, Órgão do Instituto de Cultura Socialista*, 1930-1940.
- ROSAS, Fernando, Joel Serrão, César de Oliveira, *Nova História de Portugal e o Estado Novo, (1930-1960)*, Lisboa, Presença, 1912.